

***La muerte tiene permiso: o discurso de denúncia e justiça dos campesinos
mexicanos***

Antonio Ferreira da Silva Júnior¹

RESUMO:

Neste trabalho pretende-se analisar como o escritor Edmundo Valadés retrata o tema do poder no conto *La muerte tiene permiso*. O autor emprega discursos de classes distintas como estratégia para erguer diferenças ideológicas entre ambas. O tema do relato está, basicamente, relacionado às denúncias sociais e ao poder emergido desses discursos produzidos em diferentes âmbitos da esfera social mexicana do século XX.

Palavras-chave: narrativa; poder; morte.

La muerte tiene permiso é o primeiro livro de contos do escritor Edmundo Valadés, publicado, em 1955, aos quarentas anos de idade do escritor. Edmundo Valadés de Mendonza nasceu na cidade de Guaymas, em Sonora, interior do México, em 1915, sendo considerado por muitos críticos como um dos principais responsáveis pela dimensão do gênero conto na literatura latino-americana e como um dos escritores mais importante de sua geração, devido ao emprego de uma linguagem transcendente ao pensamento crítico da época, dosando com imagens criativas a dura realidade mexicana.

Valadés muda-se, aos seis anos de idade, para Cidade do México, lugar onde o escritor desenvolveu sua formação intelectual, essencial para que estabelecesse contato com inúmeros pensadores. Aos doze anos, já participava de concursos literários e escrevia contos, projetos de romances e pequenas obras de teatro. Segundo o escritor:

Aproximadamente desde los doce años sentí esa afición, ese gusto, esa vocación por escribir y también por leer. Leí muchos cuentos, fui un devorador de cuentos, quizá por eso me apegué tanto a ese género.²

O escritor desde criança redigia textos, mas será com a coletânea *La muerte tiene permiso* que se reconhecerá, mais tarde, a desenvoltura narrativa de um dos escritores precursores do conto no continente latino-americano.

¹ Professor de Língua Espanhola do CEFET/RJ e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (Literaturas Hispânicas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² OSTROSKY, Jenne & CARRANZA, Belén (2008)

O ponto central da obra de Valadés está em identificar de que maneira sua vivência e experiência jornalística contribuem na tessitura dos seus textos literários. Num primeiro momento, o escritor expressa “El periodismo no aporta nada a la literatura”, porém, logo em seguida, revela taxativo:

Fíjate que por primera vez me estoy dando cuenta de que el periodismo sí me apornto personajes, ambientes, situaciones, para varios de mis cuentos. Es decir, nacieron por otras motivaciones y el periodismo me dio el complemento, me dio el ambiente, me dio algunos personajes, me dio algunas otras cosas para la obra literaria.³

O escritor, ainda, acrescenta:

El periodismo es como una ventana o un pase que le permite a uno conocer a gente de sectores sociales que de otro modo no sería fácil encontrar, también gente de la política, del espectáculo, de los deportes, de los toros, del arte, etc. El periodismo le permite a uno acercarse a esos mundos de no fácil acceso; conocer a gentes muy interesantes, oír sus ideas, sus experiencias, sus puntos de vista, viajar.⁴

Em suas palavras, vemos o jornalismo como um saber que permite ao sujeito dialogar com suas próprias experiências e com os demais indivíduos. Valadés emprega-o como uma forma de realizar uma viagem introspectiva ao seu verdadeiro processo de criação literária, empregando essas imagens no simbolismo de seus escritos.

Em 1955, com a publicação de seu primeiro livro *La muerte tiene permiso*, considerado pela crítica como um dos ícones literários mexicanos contemporâneos, o escritor não hesita mais quanto a seu labor literário.

Nosso objetivo neste ensaio é desvendar os mistérios narrativos empregados pelo autor ao elaborar o conto de mesmo nome de sua coletânea. O conto desenvolve-se numa comunidade de camponeses, intitulados no texto como “los de abajo”, por aqueles que os julgam. Esses personagens vivem sob as duras ordens do presidente municipal do povoado de San Juan de las Manzanas, tirano cuja imagem vai sendo construída pelo enunciador do texto, no caso, o personagem Sacramento, um dos pilares da narrativa. Sacramento será o escolhido por seu povoado, diante dos demais, como o responsável por expressar diante das autoridades locais o poder e as atrocidades realizadas pelo presidente municipal. O conto constrói-se, basicamente, no diálogo estabelecido entre Sacramento, alguns engenheiros e o presidente da dita assembléia.

A localidade mencionada no conto não constitui uma cidade imaginada pelo autor do texto, mas sim de um lugar situado no Município de Ixtlahuaca, cujo nome em náhuatl significa planície ou terra desprovida de árvores fazendo alusão à pobreza do espaço.

³ OSTROSKY, Jenne & CARRANZA, Belén (2008)

⁴ OSTROSKY, Jenne & CARRANZA, Belén (2008)

Possivelmente, a intenção de retratar a cidade seja fruto das viagens realizadas por Valadés, no período que atuava como repórter no interior do Estado Mexicano. A proposta narrativa do conto é, justamente, atribuir voz aos que são esquecidos pela justiça dos homens.

A escritura do texto adota um discurso realista e uma posição de protesto perante a situação vivida pelos camponeses. A intenção do autor pode estar no fato de seu conto abrir espaço para que outras classes sociais também sejam centro dos discursos produzidos no México dos anos quarenta e cinquenta. Além de discutir a problemática da centralização do poder.

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (1985, p. 185), “o poder não é algo que se possa dividir entre os que o possuem e o aplicam e os que não o possuem e lhe são submetidos”. Para o filósofo, o poder representa algo que vai além de uma simples forma de atuação dos mais fortes, ou seja, de forças políticas autoritárias sobre outras. Para que seja verdadeiramente subjugado de um para o outro, o poder deve movimentar-se em cadeia através de mecanismos. No conto, vemos nesses “mecanismos de poder” a atuação tanto dos engenheiros como dos camponeses mexicanos.

Já no início do conto, os engenheiros durante a assembléia expõem “Sí, debemos redimirlos. Hay que incorporarlos a nuestra civilización, limpiándolos por fuera y enseñándolos a ser sucios por dentro...”. Suas palavras permitem nossa conclusão em relação à opinião e visão deles para com os camponeses. O discurso legitima o fato dos homens rurais serem vistos como indivíduos privados do conhecimento e que devem ser repreendidos por seus atos, quase sempre de denúncia em prol de uma questão. Por outro lado, a classe dos engenheiros se auto-define como corrompida, pois reconhece através da fala do personagem a intenção de alterar a personalidade dos homens do campo da mesma forma que a cidade os modificou. Mais adiante, ainda os agridem ao fazer referência a eles como aqueles que “están podridos en alcohol, en ignorancia”.

De nada adianta a intenção de modificar a essência desses homens do campo. Os ideais por eles defendidos diferem dos do homem citadino, preocupado, somente, com o progresso individual e com o capital. A voz representante do discurso dos engenheiros, por fim, reconhece que será inútil lutar na tentativa de modificar os “los de abajo”, quando menciona “Todo es inútil. Estos jijos son irredimibles”.

Para Foucault (1985), o poder não é algo que podemos deter, mas sim uma força manifestada sempre por alguém. Conforme o filósofo, existem “manifestações do poder”, as quais se desenvolvem de maneira diferente segundo o ambiente, o contexto e a situação estabelecida. Por isso, pelo poder ser instável, o “eu” que detêm o poder repassa e recebe ao

mesmo tempo ações do próprio poder de suas palavras. Ninguém detém o poder para si, a pessoa manifesta-o em seu ambiente ou no momento da enunciação. A partir do momento em que muda de posição ou ambiente, qualquer pessoa está submetida ao poder de outra pessoa. Por isso, o poder pode ser manifestado de diferentes formas em múltiplas situações.

No decorrer de toda a narrativa há o confronto de dois setores de vozes, de um lado, os superiores, engenheiros e membros da assembléia, e do outro, “los de abajo que sientan con solemnidad, con el recogimiento del hombre campesino que penetra en un recinto cerrado: la asamblea o el templo”. O autor do texto quis defender a imagem que ambos os homens diferem de conhecimentos e ideais, porém são capazes de discutir por seus diretos de igual maneira, principalmente, os campesinos, cuja meta é fazer com que alguém escute e atenda suas reclamações. Na passagem referida, o narrador enfatiza que, mesmo sendo humildes em costumes e comportamentos, estes últimos sabem utilizar suas armas interiores para lograr seus objetivos. Não recorrem a armas de fogo ou a cargos políticos para conseguir de todas as formas conquistar o que lhes é de direito.

O narrador do texto apresenta, no início da narrativa, a origem do presidente da assembléia – aquele que decidirá sanar as lamentações dos que se consideram injustiçados –, como sendo ligada à vida simples dos campesinos ao afirmar “Él también fue hombre del campo”. Porém, logo em seguida, define seu estado atual de personalidade “Pero ya hace ya mucho tiempo. Ahora, de aquello, la ciudad y su posición sólo le han dejado el pañuelo y la rugosidad de sus manos”. As palavras do narrador só servem para comprovar que o contato do homem com o meio urbano, principalmente com as pessoas, lhe provocou possíveis mudanças de caráter. Mas, por outro lado, o narrador nos dá uma importante imagem simbólica ao afirmar a aspereza das mãos do presidente, marcas eternas do trabalho, cansaço e recordação de seu passado simples e humilde.

Na assembléia organizada entre eles, os campesinos reunidos expõem suas queixas, entre elas, “de cosechas, de lluvias, de animales, de créditos”, e ainda, “el agua, el cacique, el crédito, la escuela”. Os homens assumem uma postura de contestadores, porém, não perdem seus traços de timidez e medo diante daqueles que detém o poder:

Ahora, el turno es para los de abajo. El presidente los invita a exponer sus asuntos. Una mano se alza tímida. Otras la siguen. (...) Unos son directos, precisos; otros se enredan, no atinan a expresarse. Se rastran la cabeza y vuelven el rostro a buscar lo que iban a decir, como si la idea se les hubiera escondido en algún rincón, en los ojos de un compañero o arriba, donde cuelga un candil.⁵

⁵ VALADÉS, E. (1959, p.10).

Pelas referências contextuais do texto, podemos afirmar que o centro da narração está num lugarejo campesino situado num México fruto do processo de consolidação da Revolução Mexicana, em 1910, e da Reforma Agrária.

Como forma de contextualizar nosso trabalho, resgatamos um pouco do período histórico mexicano em que seus camponeses sofreram duras penas. Inicia-se, em 1876, quando o presidente mestiço Porfirio Díaz assume o poder, governando o país por um período de trinta e cinco anos. Apesar de ter levado o México a prosperar com o crescimento das cidades e melhoria nas vias de comunicação, na década de 1900, o chamado ditador retirou propriedades dos camponeses, condenando a maior parte dos mexicanos a duras condições de vida.

Através de tal fato teríamos os primeiros indícios das causas do grande marco da história mexicana, a Revolução de 1910, luta que durante dez anos encaminhou o país a um governo democrático.

Em 1910, com a descoberta de mais uma fraude eleitoral de Díaz, na tentativa de uma nova reeleição à presidência, sobressaiu uma revolução liberal liderada por Francisco Madero, que chega ao poder em 1911. A batalha uniu, principalmente, camponeses, trabalhadores e adeptos ao liberalismo. Contudo, Madero não conseguiu conciliar e atender ao mesmo tempo os ideais de reforma agrária e democratização, além dos interesses dos conservadores que eram favoráveis à estabilidade gerada por Díaz. O conflito implementou nomes de líderes de prestígio como Emiliano Zapata, que liderava a rebelião ao sul da Cidade do México, Pancho Villa, líder ao norte; e, Álvaro Obregón.

Após a Revolução, o México estava arrasado com a perda de sua população e com o colapso de sua economia, entretanto, a revolução ocasionou um grande número de reformas que permitiram ao país caminhar para a modernidade. Uma nova constituição, com traços reformistas e progressistas, foi posta em prática no ano de 1917, cujas mudanças refletiam, em um primeiro plano, na reforma agrária, na melhoria do padrão de vida das camadas trabalhadoras e na separação entre os poderes da Igreja e do Estado.

Os problemas pelos quais o México atravessou não se restringem somente a essa nação mestiça, mas também a todas as outras nações que de certo modo compartilharam um passado de dominação e de exploração colonialista. A luta mexicana por recuperar momentos de atraso em sua história faz com que outras nações reconheçam o orgulho de pertencer a uma sociedade marcada pela história, e inspira a cada indivíduo por uma busca constante e incansável de dias melhores para seu povo.

Retornando, a análise do conto, verificamos que diferente vozes campesinas tomam a palavra, dentro da narrativa, até o momento da enunciação de um único, o representante do povoado de San Juan de las Manzanas, cuja função será denunciar diante do presidente da assembléia os problemas de seu lugarejo devido ao excesso de autoridade do Presidente Municipal. Segundo Sacramento, o Presidente “nos hace mucha guerra y ya no lo aguantamos”. Em suas palavras, notamos o relato de desespero ao viver em meio de uma guerra travada, onde lutar racionalmente significa perder. Tal desabafo será a chave para compreensão final do relato e do próprio título do conto, já que através do título percebemos a que se refere à palavra “permissão”. Os campesinos pedem uma autorização formal para fazer valer os direitos de seu povo, já que a justiça sempre acaba aliada aos donos do capital. Valadés mostra como os homens simples são capazes de tomar atitudes racionais ao recorrer à justiça para respaldar seus atos.

Sacramento, em seu discurso, enumera certas queixas fazendo referência sempre ao mesmo culpado, o Presidente Municipal:

Primero les quitó sus tierritas a Felipe Pérez y a Juan Hernández, porque colindaban con las suyas

[...]

Se nos vino entonces con eso de las cuentas; lo de los préstamos, señor, que dizque andábamos atrasados. Y el agente era de su mal parecer, que teníamos que pagar hartos intereses

[...]

Nos cobró a la fuerza lo que no debíamos

[...]

Pos luego lo de m' ijo, señor. Se encorajinó el muchacho. Si viera usted que a mi me dio la mala idea. Yo quise detener. (...) Se fue a buscar al Presidente Municipal, pa reclamarle... Lo mataron a la mala, que dizque se andaba robando una vaca. Me lo devolvieron difunto, con la cara destrozada...

[...]

Lo del agua. Como hay poca, porque hubo malas lluvias, el Presidente Municipal cerró el canal

[...]

Salió el presidente con los suyos, que son gente mala y nos robaron dos muchachas: a Lupita, la que se iba a casar con Herminio, y a la hija de Crescencio.⁶

Todas as ações realizadas pelo Presidente Municipal encontraram respaldo através dos seus conhecimentos e do poder das demais autoridades locais e mexicanas. Isso somente

⁶VALADÉS, E. (1959, p.10).

comprova fatos reais de corrupção entre as autoridades e o mau uso do poder. Em todos os casos, os camponeses buscaram seus direitos, porém sem êxito, como por exemplo, citamos o discurso de Sacramento ao relatar a insatisfação perante o caso do roubo injusto das terras de dois camponeses, que habitavam ao lado de posses do Presidente: “Telegrafiamos a México y ni nos contestaron. (...) Pos de nada valieron las vueltas ni los papeles, que las tierritas se le quedaron al Presidente Municipal”.

Em relação ao pagamento da cobrança indevida de taxas e juros pela apropriação ilusória das terras do Presidente, Sacramento explica o motivo de redenção às ordens: “el Presidente Municipal trajo unos señores de México, que con muchos poderes y que si no pagábamos nos quitaban las tierras”. Mais uma vez, o discurso que impera é o do poder autoritário do Presidente devido sua influência no contexto sócio-político. A partir disso, os camponeses lutam para ter seus direitos de igualdade e liberdade solicitando diante da assembleia uma permissão para assassinar o ditador de San Juan de las Manzanas.

Após analisar todas as denúncias cometidas contra o povoado, compreendemos uma certa intenção do autor do texto em retratar um aumento da gravidade dos fatos segundo o que é narrado por Sacramento diante da assembleia. Podemos comprovar tal assertiva, se analisamos o modo como se comporta o enunciador na exposição das queixas: “Sacramento habla sin que se alteren sus facciones. Pudiera creerse que reza una vieja oración”. O personagem narra os fatos como uma forma de desabafo do que sofre seu povo por muitos anos nas mãos das autoridades locais. Em seu interior, Sacramento não visualiza salvação para alterar os acontecimentos ocorridos. Mais adiante no conto Sacramento “habla sin énfasis, sin pausas premeditadas”. O enunciador muda de intensidade mediante a gravidade dos fatos. Após narrar o assassinato de seu filho, “la nuez de la garganta de Sacramento ha temblado”. O fragmento comprova o início da demonstração de ódio, rancor e incapacidade, sentimentos concretizados após seu discurso ao retratar o rapto e a violação de duas meninas do povo: “Por primera vez, la voz de Sacramento vibró. En ella latió una amenaza, un odio, una decisión ominosa”.

Não podemos deixar de mencionar o rico trabalho de linguagem elaborado pelo autor do texto ao tentar aproximar o leitor, através de elementos lingüísticos que imprimem ao texto certo ar do realismo, do cenário dos camponeses mexicanos do século XX. A diferença entre os indivíduos passa, também, pela linguagem empregada no conto. A linguagem formal está lado a lado da coloquial como um símbolo do poder.

Toda a exposição de Sacramento só tem um único objetivo a ser alcançado: “les pedimos su gracia para castigar al Presidente Municipal de San Juan de las Manzanas.

Solicitamos su venia para hacernos justicia por nuestra propia mano...”. Comprendemos que a decisão desses camponeses não se constitui como um ato de barbárie, mas sim como uma saída racional para abolir o poder centralizador na mão de poucos. Tendo em vista, segundo os camponeses, inúmeras tentativas de resolução da questão e nenhuma resposta positiva das autoridades, pois eles não visualizam mais a justiça ao lado dos fracos quando mencionam: “no sabemos dónde andará la justicia” e, ainda, “absurdo sería dejar este asunto en manos de quienes no han hecho nada, de quienes han desoído esas voces. Sería cobardía esperar a que nuestra justicia hiciera justicia”.

Em seguida, em resposta a todos os questionamentos de Sacramento no sentido de legitimar o desejo de seu grupo, os membros da assembleia discutem entre si e temos a formação de opiniões destoantes: “Es absurdo, no podemos sancionar esta inconcebible petición”, “(...) Somos civilizados, tenemos instituciones” e “Sería justificar la barbarie, los actos fuera de la ley”. O discurso dos engenheiros resulta um pouco paradoxo no momento que eles fazem alusão aos conceitos de civilização e barbárie, pois o discurso dos mesmos nesse momento da narrativa, não condiz com a imagem da classe apresentada no início do conto, quando agrediam verbal e intencionalmente os camponeses. No início da narrativa, os engenheiros riam da qualidade moral dos “los de abajo” e discutiam entre si sobre a repartição de terras. Assim, temos novamente uma divisão entre dois setores na assembleia, de um lado, os que são contrários ao pedido, e do outro, os favoráveis.

As tristezas e torturas sofridas pelos camponeses não conseguem ser silenciadas, já que eles protestam dizendo:

¿Y qué peores actos fuera de la ley que los que ellos denuncian? Si a nosotros nos hubieran ofendido como los han ofendido a ellos; si a nosotros nos hubieran causado menos daños que los que les han hecho padecer, ya hubiéramos matado, ya hubiéramos olvidado una justicia que no interviene. Yo exijo que se someta a votación la propuesta.⁷

Após outras intervenções, o discurso de luta desses homens envolve, principalmente, a decisão positiva do apoio do presidente da assembleia, que parece resgatar dentro de si os valores mais intrínsecos de seu passado quando jovem, pois, conforme o narrador do texto “su voz es una voz campesina, la misma voz que debe haber hablado allá en el monte, confundida con la tierra, con los suyos”. O presidente, nesse momento centro da enunciação, organiza a votação solicitada pelos de San Juan de las Manzanas. Todos acabam chegando a um consenso: “cada dedo señala la muerte inmediata, directa”.

⁷ VALADÉS, E. (1959, p.14).

A resposta do coro da assembléia só ratificou o ideal de justiça dos camponeses mexicanos. Na realidade, eles solicitam autorizam para matar o Presidente Municipal em suas requisições no decorrer de todo o conto, entretanto, como um recurso inesperado, o autor do texto nos surpreende ao revelar no final do conto o assassinato antecipado da autoridade antes do pedido formal como se essa atitude representasse uma resposta direta à falta de lei naquelas terras. A partir do momento que os camponeses solicitam uma votação em grupo, eles buscam um respaldo de uma classe superior e igualitária, em parte, a do morto para fugir de todas as culpas possíveis.

Em um dos discursos de Sacramento, já notamos que a morte aludida no texto seria a do ditador quando menciona: “Prefiero solidarizarme con estos hombres, con su justicia primitiva, pero justicia al fin; asumir con ellos la responsabilidad que me toque”. A justiça mencionada pelo fragmento refere-se à morte como fuga para resolução de antigas dívidas, sejam elas monetárias ou morais.

O riso irônico dos engenheiros no início do conto transforma-se num elemento de surpresa mediante o agradecimento de Sacramento ao assassinato concedido por eles próprios. O narrador descreve a sutileza com que Sacramento conduz a situação como “No hay alegría ni dolor en lo que dice. Su expresión es sencilla, simple”. Talvez, o autor tenta mostrar com a reação de tranquilidade do personagem líder dos camponeses a mesma calma que o Presidente Municipal sentia com seus atos de violência e dor. A ironia perpassa todo o conto, porém somente se evidencia mais claramente no final do conto.

No conto “La muerte tiene permiso”, Edmundo Valadés apresenta uma leitura da vida rural urbana do século XX, onde a denúncia apresenta-se em dois pólos centrais da narrativa, de um lado, os camponeses apresentam suas reivindicações diante da assembléia como vítimas da barbárie do homem representante do poder municipal local, e do outro lado, alguns engenheiros que se queixam das conquistas alcançadas pelos homens do campo após as conquistas da revolução.

A temática do poder, muito recorrente na produção hispano-americana, aparece, no conto, na força simbólica da palavra dos enunciadores, porque, no conto, ambas as classes querem exercer poder em prol de suas conquistas. Entretanto, os habitantes de San Juan de las Manzanas se consolidam numa forte comunidade, conquistam a tão desejada justiça e, por fim, concretizam o enfrentamento contra o poder do sistema capitalista opressor.

Valadés, nesse conto, ao focar a violência, busca mediante a ficção repensar o modo como as relações sociais se estabelecem no mundo e oferece uma possibilidade de repensar

certas questões sociais, a partir de uma visão otimista, como forma de alcançar o objetivo final, seja ele, fruto do sacrifício ou da crueldade dos homens.

Bibliografia

DELANO, Poli. *Cuentos mexicanos*. Chile: Editorial Andres Bello, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUENTE, José Luis de la & CASADO, Carmen. *Antología del cuento hispanoamericano contemporáneo*. Valladolid: Ámbito, 1995.

GARCÍA AGUILAR, Eduardo. *Los tiempos mexicanos de Excelsior*. Disponível em: <<http://egarciaguilar.blogspot.com/2007/08/los-tiempos-mexicanos-de-excelsior.html>.>

Acesso em: 28 jan. 2008.

JURADO VALENCIA, Fabio. *Los escritores colombianos entre los escritores mexicanos*. Disponível em: <<http://www.revistanumero.com/41/41sepa3.htm>.> Acesso em: 28 jan. 2008.

LARA, José. *En estado de gracia, libro que muestra al periodista, literato y Tertuliano Edmundo Valadés*. Disponível em: <<http://www.conaculta.gob.mx/saladeprensa/index.php?indice=1&fecha=2005-07-20>.>

Acesso em: 28 jan. 2008.

MACÍAS RODRÍGUEZ, Claudia. *La muerte tiene permiso de Edmundo Valadés, un microcuento modelo en la narrativa mexicana del siglo XX*. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero24/valades.html>.> Acesso em: 02 fev. 2008.

OSTROSKY, Jenne & CARRANZA, Belén. *El cuento siempre encuentra sus lectores: entrevista con Edmundo Valadés*. Disponível em: <http://redescolar.ilce.edu.mx/redescolar/act_permanentes/lengua_comunicacion/el_oto%F1o/entrale/cuento%20nunca%20acabar/edmundorazones.htm.> Acesso em: 28 jan. 2008.

OVIDO, José Miguel. *Antología crítica del cuento hispanoamericano del siglo XX. La gran síntesis y después*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

PACHECO, José Emilio. *El cuento de Edmundo Valadés*. México: UNAM, 2007.

SÁNCHEZ DE ARMAS, Miguel Ángel. *En estado de gracia*. Disponível em: <<http://sanchezdearmas.org/principal>.> Acesso em: 28 jan. 2008.

-----, *El periodismo no es un oficio de cínicos*. Disponível em: <http://colpechi.org/colegio/index.php?option=com_content&task=view&id=166&Itemid=33

.> Acesso em: 15 mar. 2008.

VALADÉS, Edmundo. *La muerte tiene permiso*. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

RESUMEN:

En este estudio se pretende hacer un análisis de cómo el escritor Edmundo Valadés retrata el tema del poder en el cuento *La muerte tiene permiso*. El autor emplea discursos de clases distintas como estrategia entre ambas. El tema del relato está, básicamente, involucrado a las denuncias sociales y al poder emergido de esos discursos producidos en diferentes ámbitos de la esfera social mexicana del siglo XX.

Palabras-clave: narrativa; poder; muerte.